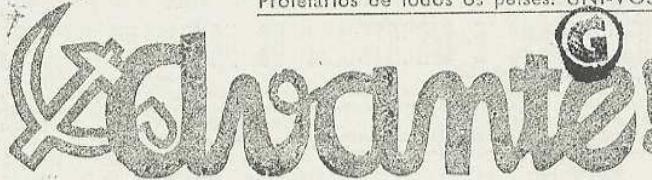


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



POR UMA DIRECÇÃO ÚNICA NO MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Após o dia 8 de Junho uma onda de indignação e protesto populares estendeu-se de norte a sul do país.

A grosseira falsificação das eleições e a acção repressiva do governo, assim como a intenção manifestada por Salazar e Santos Costa de continuarem a impôr à nação os velhos métodos de governo, são a causa da indignação popular.

As poderosas acções de massas encabeçadas pela classe operária em greves, paralisações de trabalho e demonstrações de rua de dezenas de milhar de operários e camponeses mostraram a disposição e as possibilidades de ampliar a luta anti-salazarista na nova situação criada depois das eleições presidenciais.

O povo quer uma mudança de regime e quer fazê-lo sem violências nem guerra civil. As grandes lutas populares que neste momento se desenvolvem por todo o país são novos e grandes passos para uma solução imediata e pacífica do problema político nacional.

Salazar e Santos Costa, prendendo e assassinando pacíficos patriotas, desencadeando acções terroristas contra o povo, querem mais uma vez sufocar pela violência a vontade nacional e comprometer uma tal saída.

Porém, esta imensa força pacífica que se movimenta decididamente contra o regime pode paralisar os intentos terroristas de Salazar e Santos Costa, pode pôr um dique à violência fascista e obrigar a camarilha governante a curvar-se ante a vontade da nação.

Essa vontade é clara. De todos os sectores de opinião política que se opõem ao regime, de todas as camadas da população, desde a classe operária à burguesia nacional, sobe um clamor exigindo uma rápida mudança na situação política actual.

Este clamor nacional, que encontra eco na própria imprensa controlada pela censura, e mesmo em certos meios civis e militares ainda ligados ao regime, significa que o governo fascista não pode já impôr ao país os seus métodos tradicionais de governo.

E porque é hoje impossível ao governo de Salazar governar como até aqui?

A situação alterou-se.

Abriu-se uma nova etapa na vida nacional.

Ao governo é impossível continuar a impôr os seus velhos métodos de governação porque a luta popular atingiu proporções jamais alcançadas. Durante a campanha eleitoral, milhões de portugueses de todas as camadas sociais, manifestaram-se vibrantemente nas ruas, em comícios e das mais variadas formas, em apoio das candidaturas de oposição.

No decurso da luta eleitoral formou-se um poderoso movimento de unidade que deslocou novas camadas para o campo das forças anti-salazaristas e acentuou ainda mais a favor destas a alteração da correlação de forças.

As acções comuns das duas can-

didaturas de oposição e a sua ligação ao povo, permitiram a formação de um único e vasto bloco eleitoral que abriu às massas a perspectiva de uma vitória no dia 8 de Junho.

As eleições presidenciais foram uma verdadeira demonstração nacional pela modificação do regime por formas pacíficas.

Ao conhecer os resultados eleitorais apresentados pelos salazaristas, o povo sentiu-se burlado. As greves políticas e os movimentos populares de protesto posteriores, exprimem a indignação e revolta que latram por todo o país.

Apesar da falsificação dos resultados pelo governo, que apresentou como derrota a insufável vitória do candidato da oposição, o salazarismo ficou mais isolado da nação, saiu enfraquecido da campanha eleitoral e mostra-se incapaz de se recompor dos desaires sofridos.

Todos os portugueses sentem hoje que a camarilha de Salazar e Santos Costa é uma minoria isolada da nação e, por isso mesmo, condenada a desaparecer.

O regime salazarista desintegra-se

Não há apenas factores de ordem política no enfraquecimento do regime salazarista. Na raiz do isolamento progressivo da camarilha governante estão também causas económicas profundas.

O marasmo económico em que o governo lançou o país, como consequência do domínio dos monopólios, de despesas militares incomportáveis e duma orientação desastrosa do comércio externo, provoca uma agudização espantosa das condições de vida das classes laboriosas, a ruína das classes médias e um ambiente de mal-estar em todo o país. Sectores bem diversos da população sentem cada vez mais fortemente a necessidade dum a mudanças imediatas na direcção da política e da economia da nação.

Assim a contradição que opõe o governo à imensa maioria do povo agrava-se sem cessar. Mas a grandeza e combatividade do movimento oposicionista, o largo apoio prestado aos seus candidatos por pessoas de todas as classes sociais, tiveram funda repercussão nas próprias fileiras salazaristas, apressaram a decomposição política do regime e agravaram extraordinariamente as suas próprias contradições internas.

Numerosos elementos patriotas das forças armadas recusaram-se a cumprir certas ordens repressivas do governo no decorrer da campanha eleitoral, muitos resistiram passivamente a certas ordens, motivo por que alguns foram já presos, demitidos ou se demitiram das suas funções. Muitos filiados na «União Nacional» e na «Legião» desertaram ou foram expulsos das suas fileiras por manifestarem abertamente discordâncias com a actuação de Salazar e Santos Costa.

No seio do próprio governo agravam-se os choques e as discordâncias entre os ministros, enfraquecendo a posição dominante de Salazar entre eles. Surgiram também choques entre o General Craveiro

ALAstra O Movimento Grevista

A onda de protestos populares contra a falsificação dos resultados da eleição de 8 de Junho continua a alastrar por todo o país.

Milhares de operários e camponeses do Porto, Ribatejo e Alentejo, lançaram-se em novas greves, paralisações de trabalho e manifestações de rua para impedir que a burla eleitoral seja definitivamente imposta

ao país pela camarilha de Salazar e Santos Costa.

Em Montemor correu mais uma vez o sangue dos trabalhadores

No dia 23 de Junho mais de 200 trabalhadores paralizaram o trabalho e dirigiram-se pacificamente à Câmara para exporem ao presidente, o agrário fascista José Vacas, o seu protesto contra a falsificação das eleições e reclamarem a elevação dos salários.

O fascista Vacas, recusou-se a receber-lhos e mando chamar a GNR e a PIDE que entraram a espancar brutalmente os camponeses. Vieram ainda mais reforços da GNR de Évora e o seu comandante, capitão Caldeira, mando metralhar selvaticamente o povo, tombando morto sob as balas assassinas o trabalhador José Adelino dos Santos e ficando feridos muitos outros.

Então, a indignação popular manifestou-se contra os criminosos da GNR. As próprias mulheres se lançaram contra eles enfrentando as armas e respondendo com tudo o que veio à mão. Novos reforços e novas rajadas da GNR obrigaram os valentes montemorense a recuar. Mais 150 foram presos e 40 vieram para as prisões da PIDE.

Todo o povo de Montemor protestou contra este crime. O comércio encerrou as suas portas. A vila está de luto. O «Avante!» presta sentida homenagem às vítimas dos criminosos fascistas, em especial à memória de José Adelino dos Santos que soube morrer como um herói ao serviço do povo e louva o espírito de luta dos valentes montemorense. O sangue dos trabalhadores não correrá em vão. Os fascistas responderão pelos seus crimes.

Outras greves e manifestações campomenses

Em BALEIZÃO, mais de 2.000 pessoas (operários agrícolas, sapateiros, barbeiros e alfaixeiros) estiveram em greve no dia 16. À tarde uma manifestação

(continua na 2.ª pág.)

(continua na 2.ª pág.)

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA

JORNADA NACIONAL DE PROTESTO

A lém das velentes acções dos trabalhadores da cidade e do campo que já uniram e mobilizaram mais de 30 mil portugueses, outras formas de ação, capazes de alargar esta a todas as camadas de alargamento da luta e levadas a cabo têm sido divulgadas e levadas à prática.

Por meio de pequenos documentos e cartazes, por carta, por telefone ou em voz, por todas as formas rápidamente se espalhou a ideia de não comprar jornais, não ir a espectáculos, não utilizar transportes a pé durante os dias 2, 3 e 4 de Julho. Eravam novas formas para evidenciar a indignação contra a burla eleitoral, a repressão, a política de Salazar e Santos Costa.

As primeiras informações colhidas em Lisboa dizem-nos que lá os protestos encontraram grande eco na população. De todas as empresas de onde já temos notícias nos indicam que a esmagadora maioria e até totalidade do pessoal apareceu de luto.

Muitos operários que nunca vão de gravata para o trabalho, como por exemplo os portuários, apareceram desta vez engravatados e de luto. Os funcionários públicos passaram a usar uma gravata no emprego e outra, a preta, logo que saiam. A gravata preta e outras formas de expressar o luto surgiram de repente em toda a Lisboa. Por isso uma peixeira dizia no dia 1 de manhã, os comentários: *Ali que morreu tanto gente esta noite!*

Os jornais sofreram uma importante quebra nas vendas. No Rossio, de manhã, não viais os ardilhos a correr para um e outro lado mas sim encostados às paredes, em grupos, com os jornais dentro das sacolas e muitos nem sequer os apegavam. A porta das empresas ninguém comprava jornais e um ou outro que aparecia já com o jornal era logo apudido e depressa se via com ele.

Era interessante de ver, no dia 1, pouco antes das 8 horas a Av. 24 de Julho, a R. D. Luís, etc., cheias de operários que vinham a pé para o trabalho e os carros eléctricos, os lados, vazio. Pela Av. Almirante Reis e R. da Palma, já perto das 9 horas uma massa de gente seguia igualmente a pé. E opesar da Carris ter reduzido os seus trens-

portes, muitos e muitos se viam sem ninguém. Não temendo as longas distâncias muita gente, operários e engenheiros, estudantes e jovens aprendizes, moças e pessoas idosas, caminharam a pé para os seus ofícios, de Benfica para o Poco do Bispo, do Areeiro para o Junqueira, do Lumiar para a Baixa, etc.

O espetáculo mais importante do dia 1 era, sem dúvida, o Festival no Estádio de Alvalade. Com preços modestos e um cartaz elencante que tentava utilizar a larga população da grande artista Amália Rodrigues, procuraram os salazaristas quebrar a boicoteação dos espectáculos. A certa altura, porém, livraram de vender os bilhetes abaixo do preço marcado e por fim distribuiram-nos de graça pelos organismos corporativos. Apesar disso o Estádio estava só meio de gente.

Estas primeiras informações e o que sabemos de acções já anteriores de boicotes aos jornais e à lotaria, em particular no Norte, mostram a grande aceleração destas novas formas de protesto.

A boicoteação aos jornais continuou, sem dúvida, em especial em relação aos que se mostram mais reacionários. Tal acção constitui um importante protesto contra a censura. Por outro lado muita gente deseja continuar a usar o luto e a não frequentar os espectáculos.

A não compra de lotaria está igualmente a causar graves preocupações aos responsáveis dela e provocou uma baixa de preços. Não será a nova modalidade de prémios, nem as providências repressivas contra os ríos num grande campanha de propaganda lancada recentemente que impediram a continuação deste protesto popular.

Estas acções simples que tanto importância ganham por mobilizarem (e, por isso unem) centenas de milhares de portugueses são bem prova dum ação indignação popular, do isolamento cada vez maior da clique do governo.

ALARGUEMOS E FORTALECAMOS TAISS ACCÕES - ELAS ESCARECEM, UNEM E PROVAM A RESISTÊNCIA POPULAR À POLÍTICA DE SALAZAR E SANTOS COSTA,

ARRANQUEMOS GEORGETE À MORTE!

É muito tempo que vimos alertando os nossos leitores para um novo crime da PIDE, Georgete Ferreira, abnegada lutadora anti-salazarista prosa há mais de 3 anos e meia, em virtude das condições de prisão e da falta de tratamento adequado tem vindo a piorer continuamente de saúde.

Ainda há um ano afirmávamos a necessidade urgente do seu internamento no hospital dizendo que «se isto não for feito rapidamente a vida de Georgete não poderá ser salva».

Em virtude de isso não ter sido feito o estado de Georgete piorou gravemente e só agora, em estado desesperado, a PIDE o hospitalizou.

O verdadeiro crime cometido pelo não tratamento de Georgete é de inteira responsabilidade da PIDE e dos médicos que a servem, em especial do Dr. Rua da cadeia de Caxias.

POR UMA DIRECÇÃO ÚNICA

(continuação da 1.ª pág.)

A unificação e direcção única de todas as forças anti-salazaristas é uma exigência nacional!

O governo de Salazar, ao contrário do que supunha, não conseguiu abafar a voz da nação, após o dia 8 de Junho, com o desencadeamento dum brutal repressão e com a intensificação da odiosa acção da censura à imprensa.

A valorosa acção da classe operária e dos camponeses fez recuar a repressão fascista desencadeada sobre os democratas e anti-salazaristas, e abriu, pois, a todas as forças opositivas a perspectiva da continuação da luta nacional libertadora nas novas condições criadas no país.

A disposição da classe operária em continuar a luta patriótica pela demissão de Salazar e Santos Costa, pela realização de novas eleições, contra a censura e pela libertação imediata de todos os presos, tem o apoio e a simpatia de toda a nação.

Os trabalhadores portugueses mostram-se dispostos não só a continuar a luta por tais objectivos políticos como também a lutar junto do governo contra o congelamento dos salários e contra a censura da vida. Esta luta tem o apoio de todas as forças patrióticas, incluindo os industriais e comerciantes, assim como outras camadas da burguesia nacional que compreendem a necessidade da elevação do nível de vida das massas populares como condição fundamental para a saída da crise e do marasmo económico em que o país se debate.

As lutas da classe operária, a acção legal do Movimento Nacional Independente, impugnando o resultado eleitoral e dispondo-se a continuar a luta legal pelos objectivos enunciados quando da criação do bloco eleitoral único das candidaturas do Dr. Arlindo Vicente e do General Humberto Delgado, demonstram a necessidade imperiosa da criação dumha direcção única de todas as acções populares e da unificação de todas as vontades que desejam lutar por uma mudança de governo e de regime!

Desde o princípio da campanha eleitoral que a iniciativa tem estado nas mãos das forças anti-salazaristas e do povo. A camarilha salazarista procura desesperadamente, por meio da repressão, da proposta e modificação da Constituição no sentido de impedir futuras eleições, por meio de demagogia e de falsas promessas, assim como pela reanimação da campanha anti-comunista, afemorizar, desmarcar e amolecer o espírito de luta das forças anti-salazaristas e das massas populares.

Porém, se as forças anti-salazaristas mantiverem a iniciativa nas suas mãos, recorrendo audaciosamente a novas formas de luta, nós afirmamos que a vitória está ao nosso alcance, que se conseguirá uma modificação na situação política nacio-

Apelamos para todos os portugueses de coração para que protestem contra a ação da PIDE e reclame a libertação de Georgete, única forma de poder ainda salvar-lhe a vida.

Georgete já cumpriu a pena a que foi condenada. Arranquemo-la das garras da PIDE para que se possa tratar!

CINCO DIAS SOB O TACÃO DE SALAZAR

Jornalista brasileiro Domingos de Lucca Junior, repórter de «Folhas da Manhã» e outros jornais do Brasil, veio a Portugal fazer uma reportagem sobre as eleições.

«Folhas da Manhã» publicou já dois artigos de Lucca Junior com o título «Cinco dias sob o tacão de Salazar», onde relata a ação do SNI e depois da PIDE para impedirem de comunicar ao seu jornal os

NOTÍCIAS ALARMANTES DAS PRISÕES DA PIDE DEFENDAMOS E LIBERTEMOS OS PATRIOTAS PRESOS



S alazar e Santos Costa, pretendem fazer calar a indignação que ferva em cada polo português.

Em Montemor, depois de Lisboa, Porto,

e Braga, voltou a correr sangue da povo, nas prisões fascistas; nas mãos sem escrúpulos ensanguentadas da PIDE, estão muitos centenas de portugueses.

Desde os longes incomunicabilidades, à péssima alimentação, aos vexames mais diversos, aos espancamentos brutais, de tudo a PIDE se está servindo para torturar os patriotas presos. Daí várias origens chegam-nos as notícias mais alarmantes sobre a sua situação. O que se passa, realmente, nas casas da PIDE, a «barroto de presos»?

Os trabalhadores, os anti-salazaristas de todos os círculos, não podem abandonar as vidas dos seus companheiros no rancor de Salazar e Santos Costa, que dispõe de tudo para se manterem no Poder, encerrados com maior repressão e maior dureza, como fez Salazar no seu discurso de 30-6.

É necessário desmascarar as torturas e os crimes que a PIDE está flagrantemente praticando sobre os patriotas presos; é necessário desenvolver um movimento do protesto contra as violências repressivas e de reclamação de liberdade para todos os presos políticos.

Que por todo o país, o povo se levante contra a ação das forças repressivas, resiste às prisões e libertando os patriotas presos, como valentemente fizeram os pescadores de Matosinhos, o povo de Arcena e o povo do Couço.

QUE O POVO DEFENDA OS SEUS FILHOS

ALASTRA O MOVIMENTO GREVISTA

(continuação do 1.º pág.)

de jovens percorreu as ruas da localidade nos gritos de «Libertação dos presos políticos!», «Queremos novas eleições!», etc.

Neste mesmo dia, todos os camponeses do ALANDROAL fizeram igualmente greve e manifestaram-se nas ruas. Aqui também a GNR e a PIDE reprimir violentemente os manifestantes, ferindo muitos e prendendo alguns.

No COUÇO, em 23 o trabalho parou totalmente nos campos e em todos os locais de laboração e os habitantes dos gritos de «Viva Delgado» manifestaram-se nas ruas contra a burla eleitoral. A GNR prendeu 120 trabalhadores mas o povo juntou-se em massa em frente da prisão conseguindo que fossem libertados. Depois a localidade foi submetida a uma onda de repressão e 12 pessoas foram presas pela PIDE.

Em QUINTO, BENCATEL e VAL DE VARGO, os trabalhadores fizeram a greve total. Também vários ranchos de PIAS, 200 camponeses do ESCORAL, e muitos assalariados agrícolas, tracteristas e trabalhadores das pedreiras do SERPA, paralisaram o trabalho.

Em ALPIARÇA, em 23, todos os operários e camponeses da localidade entraram em greve protestando contra o falseamento das eleições.

Ao lado da classe operária os camponeses do Alentejo e do Ribatejo enfileiram decididamente na ampla ação de protesto nacional contra a burla salazarista.

Mais greves e paralizações operárias

A classe operária portuguesa continua a mostrar a sua combatividade e consciência política no luto contra a camarilha de Salazar. No PORTO, cerca de 1.000 operários da Fábrica do Nordeste, S.P., DA HORA, abandonaram no dia 25 o trabalho como protesto contra a prisão de democratas que tinham participado na campanha eleitoral da oposição. Estes operários, acompanhados por numerosos habitantes da Sr. da Hora, juntaram-se mais tarde aos da EFA e da Marinhas, das quais uma grande parte participou no trabalho.

Na fábrica Leocena, numerosas forças de PSP e da GNR cercaram os edifícios e impediram que os operários se manifestassem juntamente com os das outras fábricas. As

TODOS UNIDOS PELA DEMISSÃO IMEDIATA DE SALAZAR E SANTOS COSTA!

TODOS UNIDOS PELA REALIZAÇÃO DE NOVAS ELEIÇÕES! PELA UNIFICAÇÃO E DIREÇÃO COMUM DE TODAS AS ACÇÕES DAS FORÇAS POPULARES E PATRIÓTICAS EM LUTA CONTRA O SALAZARISMO, ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DUM AMPLIO ORGANISMO DE UNIDADE!

A UNIDADE É O IMPERATIVO NACIONAL DO MOMENTO PRESENTE, POIS SO A UNIDADE CONDUZIRÁ A VITÓRIA DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA!

A VITÓRIA ESTÁ AO NOSSO ALCANCE, PARA A CONSEGUIR IMPÕE-SE A UNIDADE E A ACÇÃO DE TODOS!

1 de Julho de 1958

A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português

operários indignados chegaram a apedrejar essas forças. Na fábrica de corvoes do Porto e na Invencível houve paralizações parciais. Também num atelier do sítio costeiro paralizaram 27 empregados.

Igualmente, nas empresas da CLIF e da CP, do BARREIRO, onde muitas mulheres do povo pediam aos operários que fizessem a greve, assim como na fábrica de Içôa na Praiada de SACAVÉM, na Seda FÔVOA, da Penteade de Içôa e na «Cimento Tejo», da ALHANDRA, houve curtas paralizações parciais de protesto contra a burla eleitoral.

Os trabalhadores, da cidade e do campo, levantaram batalha e bandeira da liberdade e demonstram vigorosamente que não morrerão no nosso povo as belas qualidades que mercaram na história do Portugal suas tradições de luta pelos direitos populares.

PARA OS MIL CONTOS



Transp. 195.855\$30	Lista 9	25.40
À memória do cam.	P. C.	50.00
Petuléa	440.00	Lutamos sem descanso
À mem de B. Gonçalves	20.00	Marcha da Revolução
A rádio Moscou	10.00	Maria Machado 10.00
A semente germinio	671.20	Melhores c. de vida do povo português
A vitória é certa (V)	260.00	Melhor futuro 50.00
A voz da juventude	10.00	Miguel 250.00
Abaixo a Censura	60.00	Ministro ver. 30.00
Abaixo o fascismo (Z)	470.00	Monte ver. 40.00
Aida Magro amigos	35.00	Mulheres ver. 250.00
Alex XX	500.00	Nogueira 100.00
Álvaro Cunhal (H)	30.00	Olevat 500.00
Ami. da Maia	20.00	Operários da M.S.d.Tajo 820.00
Avante por uma c. c. social.	255.00	Oper. agrícolas 10.00
Coupon 557	100.00	Oper. do m. urbano 20.00
« 550	500.00	Os corticais 50.00
« 563	200.00	Parte de 2 1.p. aumento
« 573	500.00	de salário 70.00
« 592	300.00	Paro os mil contos 1.500.00
« 593	300.00	Persistentes na luta O 20.00
« 161	50.00	Per uma amnistia 20.00
« 1848	100.00	Per conta do 20.000.00
« 1946	60.00	Per uma amnistia 20.000.00
« 1951	100.00	Per conta do 20.00
« 1959	100.00	coupes 576.20.00
« 1974	100.00	Per um mundo melhor 50.00
« 1363	20.00	Scio P. 4.000.00
« 1976	100.00	Spumik O 20.00
« 1977	100.00	Um amigo da liberdade 30.00
« 1000	100.00	Um amigo da liberdade 30.00
« 3297	10.00	Um amigo da liberdade 30.00
« 3920	10.00	Um amigo da liberdade 30.00
3965 a 3959	50.00	Milito 500.00
3981 e 3982	20.00	Unidos vence remos P. F. 330.50
Electrificação social.	5.00	Idem 50.00
Estrela 3	200.00	Zé 40.00
pontas	5	adeptos do Programa 52.50
Filomeno O	20.00	Lista da Pescos (V) 15.00
Lista da		TOTAL 231.642\$90